



Universidade da Amazônia

# Auto da Feira

de Gil Vicente

## NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## **Auto da Feira**

de Gil Vicente

A obra seguinte é chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excelente Príncipe El Rei Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, às matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

Figuras:

Mercúrio, Tempo, Serafim, Diabo, Roma, Amâncio Vaz, Diniz Lourenço, Branca Anes, Marta Dias, Justina, Leonarda, Teodora, Moneca, Giralda, Juliana, Tesaura, Merenciana, Dorotéia, Gilberto, Nabor, Dionísio, Vicente, Mateus.

Entra primeiramente Mercúrio, e posto em seu assento, diz:

### **Mercúrio**

Pera que me conheçais,  
e entendais meus partidos,  
todos quantos aqui estais  
afinai bem os sentidos,  
mais que nunca, muito mais.

Eu sou estrela do céu,  
e depois vos direi qual,  
e quem me cá descendeu  
e a quê, e todo o al  
que me a mi aconteceu.

E porque a astronomia  
anda agora mui maneira,  
mal sabida e lisonjeira,  
eu, à honra deste dia,  
vos direi a verdadeira.  
Muitos presumem saber  
as operações dos céus,  
e que morte hão-de morrer,  
e o que há-de acontecer  
aos anjos e a Deus,

e ao mundo e ao diabo.  
E que o sabem têm por fé;  
e eles todos em cabo  
terão um cão polo rabo,  
e não sabem cujo é.  
E cada um sabe o que monta  
nas estrelas que olhou;  
e ao moço que mandou,  
não lhe sabe tomar conta  
d' um vintém que lh' entregou.

Porém, quero-vos pregar,  
sem mentiras nem cautelas,  
o que per curso d' estrelas  
se poderá adivinhar,  
pois no céu nasci com elas.  
E se Francisco de Melo,  
que sabe ciência avondo,  
diz que o céu é redondo,  
e o sol sobre amarelo;  
diz verdade, não lh' o escondo.

Que se o céu fora quadrado,  
não fora redondo, senhor.  
E se o sol fora azulado,  
d' azul fora a sua cor  
e não fora assi dourado.  
E porque está governado  
per seus cursos naturais,  
neste mundo onde morais  
nenhum homem aleijado,  
se for manco e corcovado,  
não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes  
vos trazem tão compassados,  
que todos quantos nascestes,  
se nascestes e crescestes,  
primeiro fostes gerados.  
E que fazem os poderes  
dos sinos resplandecentes?  
Que fazem que toda las gentes  
ou são homens ou mulheres,  
ou crianças inocentes.

E porque Saturno a nenhum  
influi vida continha,  
a morte de cada um  
é aquela de que se fina,  
e não d' outro mal nenhum.  
Outrossim o terremoto,  
que às vezes causa perigo,  
faz fazer ao morto voto  
de não bulir mais consigo,  
canta de seu próprio moto.

E a claridade acendida  
dos raios piramidais  
causa sempre nesta vida  
que quando a vista é perdida,  
os olhos são por demais.

E que mais quereis saber  
desses temporais e disso,  
senão que, se quer chover,  
está o céu pera isso,  
e a terra pera a receber?  
a lua tem este jeito:  
vê que clérigos e frades  
já não têm ao Céu respeito,  
mingua-lhes as santidades,  
e cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae,  
secundum Joanes Monteregio:*

Mars, planeta dos soldados,  
faz nas guerras conteúdas,  
em que os reis são ocupados,  
que morrem de homens barbados  
mais que mulheres barbudas.  
E quando Vênus declina,  
e retrograda em seu cargo,  
não se paga o desembargo  
no dia que s' ele assina  
mas antes por tempo largo.

*Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer Capricornius positus in firmamento  
coeli:*

E quanto ao Touro e Carneiro,  
são tão maus d' haver agora  
que quando os põe no madeiro,  
chama o povo ao carnicheiro  
Senhor, c' os barretes fora.  
Depois do povo agravado,  
que já mais fazer não pode,  
invoca o signo do Bode,  
Capricórnio chamado,  
porque Libra não lhe acode.

E se este não hás tomado,  
nem Touro, Carneiro assi,  
vai-te ao sino do Pescado,  
chamado *Piscis* em latim,  
e serás remedeado:  
e se *Piscis* não tem ensejo,  
porque pode não no haver,  
vai-te ao signo do Caranguejo,  
*Signum Cancer*, Ribatejo,  
que está ali a quem no quer.

*Sequuntur mirabilia Jupiter Rex regum, Dominus dominantium.*

Júpiter, rei das estrelas,  
deus das pedras preciosas,  
mui mais precioso qu' elas  
pintor de toda las rosas,  
rosa mais formosa delas;  
é tão alto seu reinado ,  
influência e senhoria,  
que faz percurso ordenado  
que tanto vale um cruzado  
de noite como de dia.

E faz que uma nau veleira  
mui forte, muito segura,  
que inda que o mar não queira,  
e seja de cedro a madeira,  
não preste sem pregadura.

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.*

Ao Zodíaco acharão  
doze moradas palhaças,  
onde os sinos estão  
no Inverno e no Verão,  
dando a Deus infindas graças.  
Escutai bem, não durmais,  
sabereis por conjeturas  
que os corpos celestiais  
não são menos nem são mais  
que suas mesmas granduras.

E os que se desvelaram,  
se das estrelas souberam,  
foi que a estrela que olharam,  
está onde a puseram,  
e faz o que lhe mandaram.  
E cuidam que Ursa Maior,  
Ursa Menor e o Dragão,  
e *Lepus*, que têm paixão,  
porque um corregedor  
manda enforcar um ladrão.

Não, porque as constelações  
não alcançam mais poderes,  
que fazer que os ladrões  
sejam filhos de mulheres,  
e os mesmos pais varões.  
E aqui quero acabar.

E pois vos disse até aqui  
o que se pode alcançar,  
quero-vos dizer de mi,  
e o que venho buscar.

Eu são Mercúrio, senhor  
de muitas sabedorias,  
e das moedas reitor,  
e deus das mercadorias:  
nestas tenho meu vigor.  
Todos tratos e contratos,  
valias, preços, avenças,  
carestias e baratos,  
ministro suas pertenças,  
até às compras dos sapatos.

E porquanto nunca vi  
na corte de Portugal  
feira em dia de Natal,  
ordeno uma feira aqui  
pera todos em geral.  
Faço mercador-mor  
ao Tempo, que aqui vem;  
e assi o hei por bem.  
E não falte comprador.  
Porque o tempo tudo tem.

Entra o Tempo, e arma uma tenda com muitas cousas e diz:

### **Tempo**

Em nome daquele que rege nas praças  
d'Anvers e Medina as feiras que têm,  
começa-se a feira chamada das Graças,  
à honra da Virgem parida em Belém.

Quem quiser feirar,  
venha trocar, qu' eu não hei de vender;  
todas virtudes qu' houverem mister  
nesta minha tenda as podem achar,  
a troco de cousas que hão-de trazer.

Todos remédios, especialmente  
contra fortunas ou adversidades  
aqui se vendem na tenda presente;  
conselhos maduros de sãs qualidades  
aqui se acharão.

A mercadorias d' amor a razão  
justiça e verdade, a paz desejada,  
porque a Cristandade é toda gastada  
só em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deus,  
que é já perdido em todos Estados;  
aqui achareis as chaves dos Céus,  
muito bem guarnecidas em cordões dourados.

E mais achareis  
soma de contas, todas de contar  
quão poucos e poucos haveis de lograr  
as feiras mundanas; e mais contareis  
as contas sem conto qu' estão por contar.  
E porque as virtudes, Senhor Deus, que digo,  
se foram perdendo de dias em dias,  
com a vontade que deste ó Messias  
memoria o teu Anjo que ande comigo,  
Senhor, porque temo  
ser esta feira de maus compradores,  
porque agora os mais sabedores  
fazem as compras na feira do Demo,  
e os mesmos Diabos são seus corretores.

Entra um Serafim enviado por Deus a petição do Tempo, e diz:

#### **Serafim**

À feira, a feira igrejas, mosteiros,  
pastores das almas, Papas adormidos;  
comprai aqui panos, mudai os vestidos,  
buscai as samarras dos outros primeiros,  
os antecessores.

Feirai o carão que trazeis dourado;  
ó presidentes do crucificado,  
lembrai-vos da vida dos santos pastores  
do tempo passado.

Ó Príncipes altos, império facundo,  
guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;  
comprai grande soma do temor de Deus  
na feira da Virgem, Senhora do Mundo,  
exemplo da paz,

pastora dos anjos, luz das estrelas.  
À feira da Virgem, donas e donzelas,  
porque este mercador sabeis que aqui traz  
as cousas mais belas.

Entra um Diabo com uma tendinha adiante de si, como bofalinheiro, e diz:

#### **Diabo**

Eu bem me posso gavar,  
e cada vez que quiser,  
que na feira onde eu entrar  
sempre tenho que vender,  
e acho quem me comprar.

E mais, vendo muito bem,  
porque sei bem o que entendo;  
e de tudo quanto vendo  
não pago siza a ninguém  
por tratos que ande fazendo.

Quero-me fazer à vela  
nesta santa feira nova.  
Verei os que vêm a ela,  
e mais verei quem m' estorva  
de ser eu o maior dela.

**Tempo** — És tu também mercador, que a tal feira t' ofereces?

**Diabo** — Eu não sei se me conheces.

**Tempo** — Falando com salvador, tu Diabo me pareces.

#### **Diabo**

Falando com salvos rabos  
inda que me tens por vil,  
acharás homens cem mil  
honrados, que são Diabos,  
(que eu não tenho nem ceutil)  
e bem honrados te digo,  
e homens de muita renda,  
que têm dívida comigo.  
Pois não me tolhas a venda,  
que não hei nada contigo.

Tempo ao Serafim

#### **Tempo**

Senhor, em toda maneira  
acudi a este ladrão,  
que há-de danar a feira.

#### **Diabo**

Ladrão? Pois haj' eu perdão  
se vos meter em canseira.  
Olhai cá, Anjo de bem,  
eu, como cousa perdida,  
nunca me tolhe ninguém  
que não ganhe minha vida,  
como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,  
e às vezes grãos torrados,  
isto não releva nada;  
e em todo los mercados  
entra a minha quintalada.

**Serafim** — Muito bem sabemos nós que vendes tu cousas vis.



**Diabo** — I há de homens ruins mais mil vezes que não pôs, como vós mui bem sentis.

E estes hão-de comprar  
disto que trago a vender,  
que são artes de enganar,  
e cousas pera esquecer  
o que deviam lembrar.  
Que o sages mercador  
há-de levar ao mercado  
o que lhe compram melhor;  
porque a ruim comprador  
levar-lhe ruim borcado.

E mais as boas pessoas  
são todas pobres a eito;  
e eu por este respeito  
nunca trato em cousas boas,  
porque não trazem proveito.  
Toda a glória de viver  
das gentes é ter dinheiro,  
e quem muito quiser ter  
cumpre-lhe de ser primeiro  
o mais ruim que puder.

E pois são desta maneira  
os contratos dos mortais,  
não me lanceis vós da feira  
onde eu hei de vender mais  
que todos à derradeira.

**Serafim** — Venderás muito perigo, que tens nas trevas escuras.

**Diabo** — Eu vendo perfumaduras, que, pondo-as no umbigo, se salvam as criaturas.

Às vezes vendo virotes,  
e trago d' Andaluzia  
naipes com que os sacerdotes  
arreneguem cada dia,  
e joguem até os pelotes.

**Serafim** — Não venderás tu aqui isso, que esta feira é dos céus: vai lá vender ao abisso, logo, da parte de Deus!

**Diabo** — Senhor, apelo eu disso.

S' eu fosse tão mau rapaz  
que fizesse força a alguém,  
era isso muito bem;  
mas cada um veja o que faz,  
porque eu não forço ninguém.  
Se me vem comprar qualquer  
clérigo, ou leigo, ou frade  
falsas manhas de viver,  
muito por sua vontade;  
senhor, que lh' hei de fazer?  
E se o que quer bispar

há mister hipocrisia  
e com ela quer caçar,  
tendo eu tanta em perfia,  
porque lh' a hei de negar?  
E se uma doce freira  
vem à feira  
por comprar um inguento,  
com que voe do convento,  
senhor, inda que eu não queira,  
lh' hei-de dar aviamento.

**Mercúrio** — Alto, Tempo, aparelhar, porque Roma vem à feira.

**Diabo** — Quero-me eu concertar, porque lhe sei a maneira de seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando.

### Roma

«Sobre mi armavam guerra;  
«ver quero eu quem a mi leva.

«Três amigos que eu havia,  
«sobre mi armam porfia;  
«ver quero eu quem a mi leva».

Fala:

Vejamos se nesta feira,  
que Mercúrio aqui faz,  
acharei a vender paz,  
que me livre da canseira  
em que a fortuna me traz.  
Se os meus me desbaratam,  
o meu socorro onde está  
Se os Cristãos mesmos me matam,  
a vida quem m' a dará,  
que todos me desacatam?

Pois s' eu aqui não achar  
a paz firme e de verdade  
na santa feira a comprar,  
cant' a mi dá-me a vontade  
que mourisco hei-de falar.

**Diabo** — Senhora, se vos prouver, eu vos darei bom recado.

**Roma** — Não pareces tu azado pera trazer a vender o que eu trago no cuidado.

Não julgueis vós pela cor,  
porque em al vai o engano;  
cá dizem que sob mau pano  
está o bom bebedor;  
nem vós digais mal do ano.  
Eu venho à feira direita

comprar paz, verdade e fé.  
**Diabo** — A verdade pera quê?

Cousa que não aproveita,  
e aborrece, pera que é?  
Não trazeis bons fundamentos  
pera o que haveis mister;  
e a segundo são os tempos,  
assim hão-de ser os tentos,  
pera saberdes viver.

E pois agora à verdade  
chamam Maria Peçonha,  
e parvoíce à vergonha,  
e aviso à ruindade,  
peitai a quem vo-la ponha,  
a ruindade digo eu:  
e aconselho-vos mui bem,  
porque quem bondade tem  
nunca o mundo será seu,  
e mil canseiras lhe vem.

Vender-vos-ei nesta feira  
mentiras vinte três mil,  
todas de nova maneira,  
cada uma tão subtil,  
que não vivais em canseira:  
mentiras pera senhores,  
mentiras pera senhoras,  
mentiras pera os amores,  
mentiras, que a todas as horas  
vos nasçam delas favores.

E como formos avindos  
nos preços disto que digo,  
vender-vos-ei como amigo  
muitos enganos infindos,  
que aqui trago comigo.

**Roma** — Tudo isso tu vendias, e tudo isso feirei tanto, que inda venderei, e outras  
suas mercancias, que por meu mal te comprei.

Porque a troco do amor  
de Deus, te comprei mentira,  
e a troco do temor  
que tinha da sua ira,  
me deste o seu desamor;  
e a troco da fama minha  
e santas prosperidades,  
me deste mil torpidades;  
e quantas virtudes tinha  
te troquei pelas maldades.  
E pois já sei o teu jeito,

quero ir ver que vai cá.

**Diabo** — As cousas que vendem lá são de bem pouco proveito a quem quer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercúrio e diz Roma:

**Roma**

Tão honrados mercadores  
não podem deixar de ter  
cousas de grandes primores;  
e quant' eu houver mister  
deveis vós de ter, senhores.

**Serafim**

Sinal é de boa feira  
virem a ela as donas tais,  
e pois vós sois a primeira,  
queremos ver que feirais  
segundo vossa maneira.

Cá, se vós a paz quereis  
senhora, sereis servida,  
e logo a levareis  
a troco de santa vida;  
mas não sei se a trazeis.  
Porque, senhora eu me fundo  
que quem tem guerra com Deus,  
não pode ter paz c' o mundo ;  
porque tudo vem dos céus,  
daquele poder profundo.

**Roma**

A troco das estações  
não fareis algum partido,  
e a troco dos perdões,  
que é tesouro concedido  
pera quaisquer remissões?  
Oh, vendei-me a paz dos céus,  
pois tenho o poder na terra.

**Serafim** — Senhora, a quem Deus dá guerra, grande guerra faz a Deus, que é certo que Deus não erra.

Vede vós que lhe fazeis,  
vede como o estimais,  
vede bem se o temeis ;  
atentai com quem lidais,  
que temo que caireis.

**Roma** — Assi que a paz não se dá a troco de jubileus?

**Mercúrio** — Ó Roma, sempre vi lá que matas pecados cá, e deixas viver os teus.  
Tu não te corras de mi;

mas com teu poder facundo  
assolves a todo o mundo,  
e não te lembras de ti,  
nem vês que te vás ao fundo.

**Roma** — Ó Mercúrio, valei-me ora, que vejo maus aparelhos.

**Mercúrio** — Dá-lhe, Tempo, a essa senhora o cofre de meus conselhos: e podes-te ir muit' embora.

Um espelho aí acharás,  
que foi da Virgem Sagrada,  
co' ele te toucarás  
porque vives mal toucada,  
e não sentes como estás:  
e acharás a maneira  
como emendes a vida:  
e não digas mal da feira;  
porque tu serás perdida,  
se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,  
que tudo te vem de cima,  
pelo que fazes cá em fundo:  
que, ofendendo a causa prima,  
se resulta o mal segundo.  
E também o digo a vós  
e a qualquer meu amigo,  
quem não quer guerra consigo:  
tenha sempre paz com Deus,  
e não temerá perigo.

**Diabo** — Propósito Frei Sueiro, diz lá o exemplo velho: dá-me tu a mi dinheiro, e dá ao demo o conselho.

Depois de ida Roma, entram dous lavradores, um per nome Amâncio Vaz e outro Diniz Lourenço, e diz Amâncio Vaz:

**Amâncio Vaz** — Compadre, vás tu à feira?

**Diniz Lourenço** — À feira, compadre.

**Amâncio Vaz** — Assi, ora vamos eu e ti ó longo desta ribeira.

**Diniz Lourenço** — Vamos.

**Amâncio Vaz** — Folgo bem de te vir aqui achar.

**Diniz Lourenço** — Vás tu lá buscar alguém, ou esperas de comprar?

**Amâncio Vaz**

Isso te quero contar,  
e iremos patorneando,  
e também aguardando  
pelas moças do lugar.  
Compadre, esta mulher  
é muito destemperada,  
e agora, se Deus quiser,  
faço conta de a vender,

e dá-la-ei por quase nada.

Qu'eu quando casei com ela  
diziam-me, «Hétega é».  
E eu cuidei pela abofé  
que mais cedo morresse ela,  
e ela anda inda em pé.  
E porque era hétega assim  
foi o que m' a mim danou:  
avonda qu'ela engordou  
e fez-me hétego a mim.

**Diniz Lourenço** — Tens boa mulher de teu: não sei que tu hás, amigo.

**Amâncio Vaz** — S'ela casara contigo renegaras tu com' eu e disseras o que eu digo.

**Diniz Lourenço** — Pois, compadre, cant'à minha, é tão mole e desatada, que nunca dá peneirada que não derrame a farinha.

E não põe cousa a guardar,  
que a tope quando a cata;  
e por mais que homem se mata,  
de birra não quer falar.  
Trás d' uma pulga andar  
três dias, e oito, e dez,  
sem lhe lembrar o que fez,  
nem tão pouco o que fará.

Pera que t'hei-de falar?  
Quando ontem cheguei do mato  
pôs uma enguia a assar,  
e crua a deixou levar,  
por não dizer sape a um gato.  
Quant'a mansa, mansa é ela;  
dei-m'ê logo conta disso.

**Amâncio Vaz** — Juro-t'eu que mais vale isso cinqüenta vezes qu'ela.

A minha te digo eu  
que se a visses assanhada,  
parece demoniada,  
ante São Bartolameu.

**Diniz Lourenço** — Já sequer terá esp'rito: mas renega da mulher que ó tempo do mister não é cabra nem cabrito.

**Amâncio Vaz**

A minha tinh'eu em guarda  
pera bem da minha prol,  
cuidando que era ourinol,  
e tornou-se-me bombarda.  
Folga tu que ess'outra tenhas,  
porque a minha é tal perigo,  
que por nada que lhe digo  
logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho seco  
me chimpa nestes focinhos;  
eu chamo pelos vizinhos,  
e ela nego dar-me em seco.

**Diniz Lourenço** — Isso é de coraçuda; não cures de a vender, que s'alguém te mal  
fizer, já sequer tens quem te acuda.

Mas a minha é tão cortês,  
que se viesse ora à mão  
que m'espancasse um rascão,  
não diria, «Mal fazês».

Mas antes s' assentaria  
a olhar como eu bradava.

Todavia a mulher brava  
é, compadre, a qu'eu queria.

**Amâncio Vaz** — Pardeus! Tanto me farás que feire a minha contigo.

**Diniz Lourenço** — Se queres feirar comigo, vejamos que me darás.

**Amâncio Vaz** — Mas antes m' hás de tornar pois te dou mulher tão forte, que te  
castigue de sorte que não ouses de falar, nem no mato nem na corte.

Outro bem terás com ela:  
quando vieres da arada,  
comerás sardinha assada,  
porqu ' ela janta a panela.  
Então geme, pardeus, si,  
diz que lhe dói a moleira.

**Diniz Lourenço** — Eu faria per maneira que esperasse ela por mi.

**Amâncio Vaz** — Que lh'havias de fazer?

**Diniz Lourenço** — Amâncio Vaz, eu o sei bem.

**Amâncio Vaz** — Diniz Lourenço, ei-las cá vêm!

Vamo-nos nós esconder,  
vejamos que vêm catar,  
qu'elas ambas vêm à feira.

Mete-te nessa silveira,  
qu'eu daqui hei-d' espreitar.

Vêm Branca Anes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:

### **Branca Anes**

Pois casei má hora, e nela,  
e com tal marido, prima,  
comprei cá uma gamela,  
para o ter debaixo dela,  
e um grão penedo em cima.  
Porque vai-se-me às figueiras,  
e come verde e maduro ;  
e quantas uvas penduro  
ajeita nas gorgomileiras:  
parece negro monturo.

Vai-se-m'às ameixieiras  
antes que sejam maduras,

ele quebra as cerejeiras,  
ele vindima as parreiras,  
e não sei que faz das uvas.  
Ele não vai à lavrada,  
ele todo o dia come,  
ele toda a noite dorme,  
ele não faz nunca nada,  
e sempre me diz que há fome.

Jesus! Jesus! Posso-te dizer  
e jurar e tresjurar,  
e provar e reprovar,  
e andar e revolver,  
qu' é melhor pera beber,  
que não pera maridar.  
O demo que o fez marido,  
que assim seco como é  
beberá a torre da Sé!  
Então arma um arruído  
assi debaixo do pé.

**Marta Dias** — Pois bom homem parece ele.

**Diniz Lourenço** — Aquela é a minha frouxa.

**Marta Dias** — Deu-t'ele a fraldinha roxa?

**Branca Anes** — Melhor lh'esfole eu a pele.

Que homem há i da puxa.  
Ó diabo que o eu dou,  
que o leve em fatiota,  
e o ladrão que m'o gabou;  
e o frade que me casou  
inda o veja na picota.

E rogo à Virgem da Estrela,  
e a santa Gerjalem,  
e os choros de Madalena  
e à asninha de Belém,  
que o veja ir à vela  
pera donde nunca vem.

**Diniz Lourenço** — Compadre, no mais sofrer: sai de lá desse silvado.

**Amâncio Vaz** — Pera eu ser arrepelado.

Não havi'eu mais mister.

**Diniz Lourenço** — E não n'hás tu de vender?

**Amâncio Vaz** — Tu dizes que a quéis feirar.

**Diniz Lourenço** — Não qu'ela se me tomar

deixar-m'á quando quiser.  
Mas demo-las à má estreia;  
e voto que nos tornemos,  
e depois tornaremos  
com as cachopas d'aldeia:  
entonces concertaremos.



**Amâncio Vaz** — Isso me parece a muito melhor que eu ir lá.

Oh, que couces que me dá, quando me colhe sob si!

**Diniz Lourenço** — Cant' àquela si dará.

**Diabo** — Mulheres, vós que quereis?

Nesta feira que buscais?

**Marta Dias** — Queremo-la ver, no mais.

Pera ver em que tratais, e as cousas que vendeis.

Tendes vós aqui anéis?

**Diabo** — Quejandos? De que feição?

**Marta Dias** — D'uns que fazem de latão.

**Diabo** — Pera as mãos, ou pera os pés?

**Marta Dias** — Não — Jesus, nome de Jesus,

Deus e homem verdadeiro!

Foge o Diabo e Marta Dias diz:

**Marta Dias** — Nunca eu vi bofalinheiro

tão prestes tomar o mu.

Branc'Anes mana, crê tu

que, como Jesus é Jesus,

era este o Diabo inteiro.

**Branca Anes** — Não é ele pau de boa lenha, nem lenha de bom madeiro.

**Marta Dias** — Bofá, nunc'ele cá venha.

**Branca Anes** — Viagem de João Moleiro, que foi pela cal d'azinha.

**Marta Dias** — Pasmada estou eu de Deus fazer o Demo marchante!

Mana, daqui por diante não caminemos nós sós.

**Branca Anes** — S'eu soubera quem ele era,

fizera-lhe bom partido:

que me levara o marido,

e quanto tenho lhe dera,

e o toucado e o vestido.

Inda que mais não levara

desta feira, em extremo.

Me alegrara e descansara,

se o vira levar o Demo,

e que nunca mais tornara.

Porque, inda que era Diabo,

fizera serviço a Deus,

e a mi mercê em cabo;

e viera-me dos céus,

como vem a frol ao nabo.

Vão-se ao Tempo e diz Marta Dias:

**Marta Dias** — Dizei, senhores de bem, nesta tenda, que vendeis?

**Serafim** — Esta tenda tudo tem;

vede vós o que quereis,

que tudo se fará bem.

Consciência quereis comprar,  
de que vistais vossa alma?

**Marta Dias** — Tendes sombreiros de palma muito bons pera segar, e tapados pera a calma?

**Serafim** — Consciência digo eu, que vos leve ao Paraíso.

**Branca Anes** — Não sabemos nós qu'é isso: dai-o ó decho por seu, que já não é tempo disso.

**Marta Dias** — Tendes vós aqui burel, do pardo de lã meirinha?

**Branca Anes** — Eu queria uma pucarinha pequenina pera mel.

**Serafim** — Esta feira é chamada das virtudes em seus tratos.

**Marta Dias** — Das virtudes! E há aqui patos?

**Branca Anes** — Quereis feirar a cevada quatro pares de sapatos?

**Serafim** — Oh, piedoso Deus eterno!

Não comprareis pera os céus  
um pouco d'amor de Deus  
que vos livre do Inferno?

**Branca Anes** — Isso é falar per pincéis.

**Serafim** — Esta feira não se fez para as cousas que quereis.

**Branca Anes** — Pois cant' a essas que vendeis,  
daqui afirmo outra vez  
que nunca as vendereis.  
Porque neste sigro em fundo  
todos somos negligentes:  
foi ar que deu pelas gentes,  
foi ar que deu polo mundo,  
de que as almas são doentes.

E se hão de correger  
quando for todo danado:  
muito cedo se há-de ver;  
que já ele não pode ser  
mais torto nem aleijado.  
Vamo-nos, Marta, à carreira,  
que as moças do lugar  
virão cá fazer a feira,  
que estes não sabem ganhar,  
nem têm cousa que homem queira.

**Marta Dias** — Eu não vejo aqui cantar,  
nem gaita, nem tamboril,  
e outros folgares mil,  
que nas feiras soem d'estar:  
e mais feira de Natal,  
e mais de Nossa Senhora,  
e estar todo Portugal.

**Branca Anes** — S'eu soubera que era tal, não estivera eu cá agora.

Vêm à feira nove moças dos montes, e três mancebos, todas com cestos nas cabeças, cobertos, cantando. E, como chegam, se assentam por ordem a vender; e diz-lhe o Serafim:

**Serafim** — Pois vindes vender à feira,  
sabei que é feira dos céus;  
por tal, vendei de maneira  
que não ofendais a Deus,  
roubando a gente estrangeira.

**Tesaura** — Responde-lhe, Leonarda, tu Justina, ou Juliana.

**Juliana** — Mas responda-lhe Giralda, Tesaura, ou Merenciana.

**Merenciana** — Responde-lhe, Teodora, porque creio que a ti creia.

**Tesaura** — Responda-lhe Dorotéia. pois que mora, junto c'o Juiz d'aldeia.

**Dorotéia** — Moneca responderá que falou já com senhor.

**Moneca** — Responde-lhe tu, Nabor, contigo s'entenderá.  
Ou Denísio, ou Gilberto,  
qualquer de vós outros três  
e não vos embarceis ou torveis,  
porque é certo  
que bem vos entenderéis.

**Gilberto** — Estas cachopas não vêm  
à feira nego a folgar,  
e trazem de merendar  
nestes cestos que i têm.

Mas pois quanto ao que entendo,  
sois, samica, anjo de Deus;  
quando partistes dos céus,  
que ficava Ele fazendo?

**Serafim** — Ficava vendo o seu gado.

**Gilberto** — Santa Maria! Gado há lá?

Oh, Jesus! Como o terá o Senhor gordo e guardado!  
E há lá boas ladeiras, como na serra d'Estrela?

**Serafim** — Si.

**Gilberto** — E a Virgem que faz ela?

**Serafim** — A Virgem olha as cordeiras, e as cordeiras a ela.

**Gilberto** — E os Santos de saúde todos, a Deus louvores?

**Serafim** — Si.

**Gilberto** — E que léguas haverá daqui à porta do Paraíso, onde São Pedro está?

**Nabor** — Lá vêm ó redor das vinhas compradores a comprar samica ovos e galinhas.

**Dorotéia** — Não lhe hei de vender as minhas, que as trago pera dar.

Vêm dous compradores, um per nome Vicente e outro Mateus, e diz Mateus a Justina:

**Mateus** — Vós rosa do amarelo, mana, tendes i queijadas.

**Justina** — Tenho vosso avô marmelo!  
Conhecei-lo?

**Mateus** — Aqui estão emborilhadas.

**Justina** — Esta de má ora quedo, pela vossa negra vida.

**Mateus** — Menina, não hajais medo: vós sois mais engrandecida que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos, não m'os vendais a ninguém.

**Justina** — Andar em burra e ter bem: ouvide ora o rasca-piolhos (azeite no micho!) em que vem!

**Vicente** — Minha vida, Leonarda, traz caça pera vender?

**Leonarda** — Vossa vida negra e parda não lhe abastará comer da vaca com da mostarda?

**Vicente** — E a mesa de meu senhor irá sem ave de pena?

**Leonarda** — Quem? E vós sois comprador?

Pois nem grande nem pequena não matou o caçador.

**Vicente** — Matais-me vós logo bem com dous olhinhos qu'eu digo.

**Leonarda** — Mais vos mata a vós o trigo, porque não vale a vintém, e traz mau micho consigo.

**Vicente** — Vós fazeis de mi rascão.

**Leonarda** — Pação vos fizestes vós; porém bem nos vimos nós guardar bois no Alqueidão.

**Mateus** — Que vindes vender à feira,

Teodora, alma minha?  
minha alma, minha canseira?  
Trazei alguma galinha?

**Teodora** — São vossa alma galinheira.

Que má ora cá viestes pera quem vos pôs no paço!

**Mateus** — Senhora, eu vos faço,

que vos agastais tão prestes?  
Dizei-me vós, Teodora,  
trazeis vós tal cousa e tal  
deste jeito, muito embora?  
Mas lá dessoutro metal  
não falam à lavradora.

**Vicente** — Senhora Moneca, trazeis algum cabrito recente?

**Moneca** — Não bofé, Senhor Vicente: quisera ora trazer três, de que vós foreis contente.

**Vicente** — Juro à Santa Cruz de palha qu' hei de ver o que aqui está.

**Moneca** — Não revolvais aramá, que não trago nem migalha.

**Vicente** — Não me façais descortês, nem queirais ser tão garrida.

**Moneca** — Pela vossa negra vida!

Olha de como é cortês !

Oh, que lhe saia má saída.

**Mateus** — Giralda, eu achar-vos-ei dous pares de passarinhos?

**Giralda** — Irei por eles aos ninhos, entoncos os venderei.

Comereis vós estorninhos?

**Mateus** — Respondeis como mulher muito de sua vontade.

**Giralda** — Pois digo-vo-la verdade: pássaros hei de vender?

Olhai aquela piedade!

**Vicente** — Senhora minha Juliana

peço-vos que me faleis  
discreta palenciana,  
e dizei-me que vendeis.

**Juliana** — Vendo favas de Viana.

**Vicente** — Tendes alguns laparinhos?

**Juliana** — Sim, de porca.

**Vicente** — Nem coelhos?

**Juliana** — Quereis comprar dous francelhos, pera caçardes ratinhos?

**Juliana** — Quero, pelos Evangelhos!

**Mateus** — Vós, Tesaura, minha estrela, não viríeis cá em vão.

**Tesaura** — Pois si, vossa estrela vos er'ela: como aquilo é de rascão!

**Mateus** — Mas como isso é de donzela!

Porém vá já como vai, e casemo-nos, senhora.

**Tesaura** — Pois casai co'ele, casai,

Casar, ma ora, meu ai, casar, má hora.

**Mateus** — Porém trazeis algum pato?

**Tesaura** — E quanto dareis por ele?

Hui, e ele revolve o fato: olho mau se meta nele.

**Mateus** — Não trazeis vós o qu'eu cato.

**Vicente** — Merenciana deve ter neste cesto algum cabrito.

Não m'haveis de revolver

**Merenciana** — Senão, pardeus, que dê grito tamanho, que haveis de ver.

**Vicente** — Eu hei de ver que trazeis.

**Merenciana** — Se vós no cesto bulis. . .

**Vicente** — Senhora, que me fareis?

**Merenciana** — Um aqui-d'el-rei, ouvis?

Não sejais vós descortês.

**Vicente** — Não quero senão amores, pois vosso, senhora, sou.

**Merenciana** — Amores de vosso avô, o da ilha dos Açores.

Andar aramá vós só.

**Mateus** — Vamo-nos daqui, Vicente.

**Vicente** — Bofá vamos.

**Mateus** — Nunca vi tal feira.

**Vicente** — Vamos comprar à Ribeira, que anda lá cousa mais quente.

Vão-se os compradores, e diz o Serafim às moças:

**Serafim** — Vós outras quereis comprar das virtudes?

Senhor, não.

**Serafim** — Saibamos por que razão.

**Dorotéia** — Porque no nosso lugar

não dão por virtudes pão.

Nem casar não vejo eu

por virtudes a ninguém.

Quem tiver muito de seu,

e tão bons olhos com'eu

sem isso casará bem.

**Serafim** — Pois porque viestes ora cansar à feira de pé?

**Teodora** — Porque nos dizem que é

feira de Nossa Senhora:

e vedes aqui porquê.

E as graças que dizeis

que tendes aqui na praça,

se vós outros as vendeis,

a Virgem as dá de graça

aos bons, como sabeis.

E porque a graça e alegria,  
a madre da consolação  
deu ao mundo neste dia,  
nós vimos com devoção  
a cantar-lhe uma folia.  
E pois que já descansamos  
assi em boa maneira,  
moças, assi como estamos,  
demos fim a esta feira,  
primeiro que nos partamos.

Alevantam-se todas, e ordenadas em folia cantaram a cantiga seguinte, com que se despediram.

Cantiga.

I Coro

«Blanca estais colorada,  
«Virgem sagrada.  
«Em Belém vila do amor  
«da rosa nasceu a flor:  
«Virgem sagrada.»

II Coro

«Em Belém vila do amor  
«nasceu a rosa do rosal:  
«Virgem sagrada.»

I Coro

«Da rosa nasceu a flor:  
«pera nosso Salvador:  
«Virgem sagrada.»

II Coro

«Nasceu a rosa do rosal,  
«Deus e homem natural:  
«Virgem sagrada.»

Gratias agamus  
Domino Deo nostro

Maria Leonor Carvalhão Buescu, Gil Vicente, Copilaçam de Toda las Obras, vol. I, pp. 144-175

**FIM**